





PATTI SMITH

# O Ano do Macaco

*Tradução*

Camila von Holdefer



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Patti Smith

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Year of the Monkey

*Capa*

Fabio Uehara

*Foto de capa*

Barre (Skills) Duryea

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Marise Leal

Marina Nogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Smith, Patti

O Ano do Macaco / Patti Smith ; tradução Camila von Holdefer.  
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: Year of the Monkey.

ISBN 978-85-359-3278-2

1. Mulheres, músicos de rock – Estados Unidos – Biografia 2. Poetas americanos – Século 20 – Biografia 3. Smith, Patti, 1946- I. Título.

---

19-29791

CDD-818

Índice para catálogo sistemático:

1. Smith, Patti : Escritoras : Literatura norte-americana 818

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/6427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Uma loucura mortal vem ao mundo*  
Antonin Artaud



# Sumário

Caminho para o Oeste, 9
UTI, 56
ADM 2016, 60
O que Marco disse, 75
O gigante vermelho, 82
Intervalo, 91
O marinheiro está em casa, 102
Imitação de um sonho, 107
Borboletas negras, 111
Amuletos, 115
Em busca de Imaginos, 119
Por que Belinda Carlisle importa, 124
A Santa Sé, 129
O Cordeiro Místico, 134
O galo dourado, 139
Uma noite na Lua, 144
Uma espécie de epílogo, 153
<i>Créditos das imagens</i> , 161





# Caminho para o Oeste

Era bem depois da meia-noite quando a gente parou na frente do Dream Motel. Paguei a corrida, conferi se não tinha esquecido nada e toquei a campainha para acordar a proprietária. São quase três da manhã, ela disse, mas me entregou a chave e uma garrafa de água mineral. O quarto ficava no andar mais baixo, de cara para o longo píer. Deslizei a porta de vidro e pude ouvir o som das ondas acompanhado dos clamores vagos dos leões-marinhos esparramados nas tábuas sob o cais. Feliz Ano-Novo! berrei. Feliz Ano-Novo para a lua crescente, o mar telepático.

A viagem de San Francisco levou pouco mais de uma hora. Tinha ficado bem desperta, mas de repente me senti exausta. Tirei o casaco e deixei a porta de correr um pouco aberta para ouvir as ondas, mas caí imediatamente num simulacro de sono. Acordei de repente, fui ao banheiro, escovei os dentes, tirei as botas e fui para a cama. Talvez tenha sonhado.

Manhã de Ano-Novo em Santa Cruz, bastante morta. Tive uma vontade repentina de comer uma coisa específica no café da



manhã: café preto, creme de milho com cebolinha. As chances de encontrar uma refeição dessas por aqui eram pequenas, mas um prato de presunto com ovos já serviria. Peguei minha câmera e andei ladeira abaixo na direção do píer. Uma placa surgiu, semi-coberta por palmeiras altas e estreitas, e percebi que aquele não era um motel, no fim das contas. A placa dizia DREAM INN, pontuada por uma estrela estilo Sputnik. Parei para admirar e registrar com a Polaroid, peguei a foto e meti no bolso.

— Obrigada, Dream Motel, eu disse, meio para o ar, meio para a placa.

— É Dream Inn! a placa exclamou.

— Ah, sim, desculpe, eu disse, um tanto surpresa. Ainda assim, não sonhei nada.

— Ah, é mesmo? Nada!

— Nada!

Não pude evitar me sentir como Alice sendo interrogada pela lagarta fumadora de narguilé. Olhei pros meus pés, me esquivando da energia perscrutadora da placa.

— Bem, obrigada pela foto, eu disse, pronta pra zarpar.

No entanto, minha partida foi sabotada pelo surgimento inesperado dos desenhos de Tenniel em versão animada: a Tartaruga Falsa e ereta. O criado-peixe e o criado-sapo. O Dodô enfeitado em seu distinto paletó com mangas, a horrenda Duquesa e a Cozinheira, e a própria Alice, carrancuda, presidindo uma interminável cerimônia do chá onde, sentimos muitíssimo, nenhum chá estava sendo servido. Me perguntei se o bombardeio súbito era autoinduzido ou se era uma cortesia da carga magnética da placa do Dream Inn.

— E agora?

— A mente! eu gritei, exasperada com os esboços animados que se multiplicavam num ritmo alarmante.

— A mente desperta! a placa riu, triunfante.